



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS INGLÊS E
ESPAÑHOL

DENIZE BARRETO ROCHA SAMPAIO

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA:
PRINCIPAIS VARIANTES ENTRE O INGLÊS FALADO NA INGLATERRA, ESTADOS
UNIDOS DA AMÉRICA E AUSTRÁLIA

CABEDELLO 2020

DENIZE BARRETO ROCHA SAMPAIO

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA:
PRINCIPAIS VARIANTES ENTRE O INGLÊS FALADO NA INGLATERRA, ESTADOS
UNIDOS DA AMÉRICA E AUSTRÁLIA

Artigo TCC apresentado ao Curso De
Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas –
Inglês e Espanhol – como requisito para a obtenção do
grau de Especialista, sob a orientação da Professora
Dr.^a Tatiana Maranhão de Castedo.

CABEDELLO 2020

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba –IFPB

S192d Sampaio, Denize Barreto Rocha.
Diversidade linguística: principais variantes entre o inglês falado na Inglaterra, e Unidos da América e Austrália. /Denize Barreto Rocha Sampaio.
– Cabedelo, 2020. 28 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientadora: Profa. Dr.a Tatiana Maranhão de Castedo.

1. Diversidade linguística. 2. Sociolinguística. 3. Teoria Variacionista.
4. Variedades da língua inglesa; I. Título.

CDU: 81'42

DENIZE BARRETO ROCHA SAMPAIO

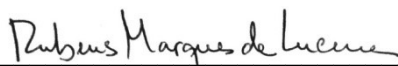
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA:
PRINCIPAIS VARIANTES ENTRE O INGLÊS FALADO NA INGLATERRA,
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E AUSTRÁLIA

Artigo TCC apresentado como requisito para a obtenção do grau de Especialista em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol – IFPB – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

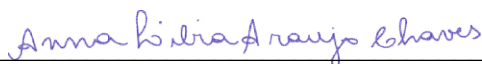
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Tatiana Maranhão de Castedo
Orientadora – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena
Membro – Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof.^a Me. Anna Líbia Araújo Chaves
Membro – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Henrique, pelo incentivo e apoio incondicionais para realização dos meus sonhos, e por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida;

Agradeço aos meus filhos, Henrique(inho) e Guilherme, pela paciência nas horas em que não pude lhes dedicar mais atenção e carinho, mas que eles saibam que representam a minha esperança em uma sociedade mais consciente para a busca constante por justiça social;

Sou grata aos meus familiares que passaram para a dimensão espiritual, meu pai Ivan e minha mãe Zélia, por terem me apoiado nas minhas escolhas ao longo do tempo que compartilhamos neste mundo; aos meus “Vovô Rubens” e “Vovó Chiquita”, “Vovô Barreto” e “Vovó Luzia”, por todo amor e carinho que sempre me deram; Nesse grupo, faço um agradecimento especial a minha tia Lucy, que se foi neste ano de 2020, por todo o amor e carinho;

Agradeço a toda a minha família, fisicamente presente, tias, irmãs, cunhado, sobrinho(a)s, primo(a)s e afilhados, por estarmos sempre próximos em pensamento, carinho e cuidado;

Agradeço a minha amiga Luciene Alves, pelo compartilhamento da experiência de retomar os estudos, depois de algum tempo, enfrentando o início desse curso. Ela não pôde continuar e, por isso, dedico-lhe este trabalho;

Aos professores que lecionaram as disciplinas do curso de Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol, em especial ao Prof. Jociano Coelho de Souza, que desde o começo do curso nos estimulou a prosseguir. Foi, além de tudo, um amigo da turma;

A(o)s colegas da turma, agradeço pela salutar convivência virtual e compartilhamento dos problemas e ansiedades, como também pela solidariedade durante todo o curso;

Ao Prof. Rubens Marques de Lucena, por ter aceito fazer parte da banca e, certamente, contribuir com o meu trabalho, junto com a Prof^a Anna Líbia Chaves, a quem eu agradeço, também, por ter semeado a ideia do tema deste artigo, ao corrigir uma das minhas atividades da disciplina Teorias Variacionistas;

Sou muito grata à minha orientadora, Prof^a Dr^a Tatiana Maranhão de Castedo, por ter aceito trabalhar comigo na elaboração deste artigo e pelas importantes indicações e observações que enriqueceram, sobremaneira, o trabalho e me proporcionaram conhecer um pouco mais sobre a Teoria Variacionista de Labov. Agradeço ao coorientador, Prof. João Dóia, pelas contribuições também como tutor do curso;

Agradeço a Deus por ter chegado até aqui e pela proteção neste triste ano, no qual o mundo enfrenta uma terrível pandemia. Espero, no mistério da fé, que as pessoas que não resistiram à doença estejam na paz eterna. Amém!

All languages change over time and vary
according to place and social setting.

(Jonnie Robinson)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONCEITOS BÁSICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	11
3	BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A EVOLUÇÃO DAS VARIEDADES.....	13
	3.1 Evolução da Variedade Britânica.....	13
	3.2 Evolução da Variedade Americana.....	14
	3.3 Evolução da Variedade Australiana.....	15
4	TIPOS DE VARIÁVEIS.....	16
	4.1 Variáveis Linguísticas.....	16
	4.1.1 Campo Fonético-fonológico.....	16
	4.1.2 Campo Morfossintático.....	18
	4.1.3 Campo Lexical.....	19
	4.2 Variáveis Extralinguísticas.....	21
	4.2.1 Variação Diacrônica ou Histórica.....	22
	4.2.2 Variação Diatópica ou Geográfica.....	22
	4.2.3 Variação Diastrática ou Sociocultural.....	23
	4.2.4 Variação Diafásica ou Estilística.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	27

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: PRINCIPAIS VARIANTES ENTRE O INGLÊS FALADO NA INGLATERRA, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E AUSTRÁLIA

Denize Barreto Rocha Sampaio¹
Tatiana Maranhão de Castedo²
João Dóia de Araújo³

RESUMO

Este artigo trata das principais variantes entre o inglês falado na Inglaterra, nos EUA e na Austrália, através do estudo da diversidade linguística à luz da teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972), através da qual a língua deve ser estudada no contexto social, levando em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos. A pesquisa teve como objetivo mostrar que a língua é dinâmica e heterogênea, através de sua diversidade e que essa característica enriquece o conhecimento da língua em si e por meio dela, mostrar os valores socioculturais dos povos, como também ressaltar que não há superioridade de uma ou mais línguas. As análises tiveram como suporte teórico os autores: Labov (2006), Roach (2004), Adger e Trousdale (2007), Bakhtin (2009), Castedo e Monteiro (2019) e Fernandez (2009), Serão utilizados alguns exemplos de variáveis linguísticas e extralinguísticas. Ao final, são apresentadas as considerações acerca da pesquisa, que reconhece a importância de registrar e divulgar as variedades das línguas estudadas e ensinadas, considerando a comunicação e a interação cultural entre falantes nativos e não nativos.

Palavras-chave: 1. Diversidade linguística; 2. Sociolinguística; 3. Teoria Variacionista; 4. Variedades da língua inglesa;

¹ Discente do Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol- IFPB

² Professora Doutora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

³ Professor Mestre, Tutor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

ABSTRACT

This article is about the main variants among the English language spoken in England, USA and Australia, through the study of linguistic diversity, based on the perspective of William Labov's Variationist Sociolinguistic Theory (1972), by the way of which the language should be studied in the social context, taking into account linguistic and extralinguistic factors. The research aimed to show that language is dynamic as well as heterogenous, and its diversity enrich knowledge of languages and sociocultural values, besides showing that there is not a/some superior language(s). Analizes made had theoretical support authors, such as: Labov (2006), Roach (2004), Adger e Trousdale (2007), Bakhtin (2009), Castedo e Monteiro (2019) e Fernandez (2009). Some examples of variations within phonetic-phonological, morphosyntactic and lexical fields will be presented. At the end, considerations about the research will be mentioned, which recognize the importance of registering and disseminating the varieties of the languages studied and taught, considering communication and cultural interaction between native and non-native speakers.

keywords: 1. Linguistical diversity; 2. Sociolinguistics; 3. Variationist Theory; 4. Varieties of English language.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo pretende fazer uma breve descrição de algumas diferenças existentes entre as variedades da língua inglesa faladas na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Austrália, destacando os campos fonético-fonológico, morfossintático e lexical. Ele será dividido em 5 partes: conceitos básicos da Sociolinguística Variacionista, que traz uma noção do que é essa vertente da Linguística, com os estudos das variações presentes nos fenômenos linguísticos, decorrentes da relação inevitável entre a língua e a sociedade; considerações sobre a evolução das variedades em estudo; os tipos de variáveis linguísticas e extralinguísticas; e as considerações finais sobre o trabalho, incluindo o modo como se deu a pesquisa.

Como objeto, foi escolhido mostrar a diversidade linguística existente na língua inglesa, através de algumas das principais variantes entre o inglês falado na Inglaterra, nos Estados Unidos da América (doravante EUA) e Austrália. Dentro dessas variedades, foram focados o sotaque britânico Received Pronunciation (RP), que é senão o mais, um dos mais divulgados através de escolas de inglês pelo mundo, que utilizam material didático elaborado por universidades britânicas, como *Cambridge* e *Oxford*; o norte-americano *General American*, que é o mais comum nos filmes estadunidenses; e o australiano, que apresenta variações regionais e socioculturais. Neste estudo, foram observadas as variações socioculturais: broad, general and cultivated.

A fim de ressaltar a hipótese deste estudo, de que o conhecimento e o contato com a diversidade enriquecem o conhecimento da língua e dos valores socioculturais dos povos envolvidos, constituindo-se oportunidade de interação entre os falantes bem como de minimizar os preconceitos provenientes do uso das diferentes variantes de uma língua, tomamos como ponto de partida buscar mais conhecimento sobre o processo pelo qual se dá a diversidade, de modo a refutar, dentro dos aspectos lingüísticos, um possível entendimento de que alguma(s) variedade(s) do inglês fosse(m) considerada(s) de maior prestígio que outra. Labov (1982) identifica que as mudanças linguísticas partem dos grupos sociais de maior prestígio e se difundem para os de menor. Ou seja, ele não se refere à língua ou variedade de maior prestígio. Com base nesse entendimento, não há aqui nenhuma pretensão em fazer julgamento das variedades ou ressaltar hegemonia de alguma(s) delas, outrossim, pretendemos apontar o valor do respeito às diferenças de uma língua como instrumento de interculturalidade.

No ensino de línguas estrangeiras (LE), é comum que o(a) professor(a) escolha uma variedade linguística a ser seguida como elemento norteador. No caso da língua inglesa, ele(a) pode trabalhar, por exemplo, com o inglês britânico, ou americano, australiano, canadense, irlandês, sulafricano, neozelandês, entre outros. Contudo, é importante que o(a)s aluno(a)s tenham conhecimento de diferentes variedades, a fim de que não fiquem presos a uma ou duas mais divulgadas no meio escolar, pois as línguas retratam as características culturais dos povos de cada lugar, a exemplo de sua ancestralidade, seus costumes e suas influências temporais e históricas e isso constitui conhecimento de mundo.

Considerando esses fatores estudados pela sociolinguística variacionista, decorrentes da heterogeneidade da língua, observada tanto nos fenômenos linguísticos como extralinguísticos, entende-se que o ensino de LE deve pensar mais na língua como objeto de comunicação e marca sociocultural, geográfica e representativa de determinados gêneros ou faixa etária dos falantes, evitando se prender à rigidez de estruturas linguísticas de uma ou outra variedade.

Com o intuito de demonstrar algumas das variantes do inglês falado em países como Inglaterra, EUA e Austrália, este artigo pretende abordá-las por meio dos campos fonético-fonológico, morfossintático e lexical, valorizando as divergências, que se acredita possibilitarem mais desprendimento do aprendiz para aceitar as diversidades da língua e, assim, promover maior interação cultural com os nativos da LE. Assim sendo, é possível aperfeiçoar a construção do conhecimento, levando em conta que a língua é um elemento de “prática social que muda de acordo com as mudanças por que passa a sociedade” (CASTEDO e MONTEIRO, 2019), com base no conceito apresentado pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2009), de que a língua possui um caráter social.

Dentro dessa concepção social da língua, Bloomfield (1933, *apud* CASTEDO e MONTEIRO, 2019) e Labov (2006) ampliaram o entendimento de que a língua é um instrumento da vida em sociedade, através do qual os falantes transmitem seus conhecimentos, suas tradições, crenças e valores, ou seja, sua cultura enquanto povo. Também serão utilizados estudos de autores, como Roach (2004), no que se refere à pronúncia da variedade britânica, denominada *Received Pronunciation* (RP), característica dos falantes da região de Londres e de ambientes escolares e acadêmicos; Adger e Trousdale (2007), através de seus escritos sobre as variações sintáticas do inglês; Fernandez (2009), que escreveu acerca dos princípios da sociolinguística e sociologia da linguagem; como também Castedo e Monteiro (2019), que trataram de diferentes aspectos da Teoria Variacionista de

Labov, entre outros, no que tange aos conceitos básicos da sociolinguística variacionista, nos aspectos linguísticos e extralinguísticos, que serão tratados a seguir.

2. CONCEITOS BÁSICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Antes, porém, de adentrar nos conceitos básicos da Sociolinguística, é importante ressaltar o caráter social da língua, observado por Bakhtin (2009), em contraposição ao entendimento de que a língua é homogênea e restrita à capacidade do falante, desconsiderando a comunidade de fala a qual esse falante está inserido. Para esse importante linguista russo, “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2009, p.117). A palavra, ao ser pronunciada pelo locutor e compreendida pelo interlocutor, mostra a enunciação determinada pelas relações sociais entre ambos.

Nesse sentido, caminharam as teorias variacionistas, dentre elas: (i) a Sociolinguística variacionista, que estuda a língua dentro de um contexto social, identificando suas variações socioculturais e a (ii) Dialetoлогия, que trata das variações regionais da língua.

Para o presente artigo, acostamo-nos aos estudos da sociolinguística variacionista de William Labov, como principal referencial teórico. Heinrich, Labov e Herzog (2008) elaboraram essa teoria, com base em seus estudos sobre a mudança linguística em comunidades da Ilha de *Martha's Vineyard*, no estado americano de Massachussets e em Nova Iorque. Ele estudou as variantes da língua inglesa falada por habitantes da ilha, analisando fatores sociais, como etnia, sexo, idade e ocupação, que compõem aspectos extralinguísticos. Entretanto, Labov também estudou aspectos linguísticos, focados na pronúncia das pessoas da comunidade. Para ele, o objetivo da investigação linguística estava centrado no discurso da comunidade e não no nível individual de seus falantes (ADGER & TROUSDALE, 2007).

Observando o dinamismo da língua e suas variações, Labov verificou os fatores linguísticos e sociais que interferiam e provocavam a diversidade. A partir desse contexto, ele buscou descrever e explicar os fenômenos linguísticos e extralinguísticos, que deram suporte à teoria, depois denominada de Sociolinguística Variacionista.

De acordo com Adger & Trousdale (2007), Labov verificou padrões linguísticos no nível de comunidades de fala, não somente com indivíduos, que o levaram a investigar generalizações dos padrões linguísticos, os quais somente poderiam ser constatados ao observar a comunidade como um todo. Importante observação foi feita por Adger &

Trousdale (2007) acerca do método de observação adotado por Labov em seu estudo, por ter utilizado técnicas estatísticas para análise dos dados e conclusão dos padrões de uso da língua.

Para compreender melhor essa diversidade, recorreremos aos entendimentos sobre variedade, variável e variante, apresentados por Fernández (2009). Variedades ou variações linguísticas são as várias maneiras que uma língua pode apresentar para definir algo, sem alternância de significado. Vê-se isso em toda língua natural, como é o caso do português falado em Portugal, no Brasil e em alguns países africanos; do inglês falado em mais de 50 países; e do espanhol falado em mais de 20. Em cada país, essas línguas se apresentam com algumas variantes, que são diferentes elementos que podem substituir um ao outro sem que incorram em alteração semântica e/ou funcional (FERNANDEZ, 2009), como os casos de *flat* (BrE) e *apartment* (AmE)¹. As variações da língua ocorrem entre países, mas, também, internamente, que são as variações regionais, estudadas pela dialetologia.

Ainda de acordo com Fernández (2009), o traço, ou unidade linguística, que se apresenta de maneira divergente representa uma variável linguística. O “conjunto de manifestações de um mesmo elemento” é chamado de variante linguística.

Fernández (2009) também mostra que a dialetologia ajuda a identificar o fenômeno da variação, por meio de fatores extralinguísticos envolvidos, a exemplo da geografia, ou variação geolinguística; da história – variação histórica; e a situação comunicativa, observada através da variação estilística. Quando os fatores são de natureza social, ou seja, representam influência ligada aquela determinada comunidade de fala, dá-se o nome de variação sociolinguística (CEDERGREN, 1983 e MORALES, 2004, apud FERNANDEZ, 2009).

Trazendo a discussão para o ensino de língua estrangeira (LE), embasamo-nos ao que dizem Alves e Battisti (2014), quando alertam para que o ensino de LE não se restrinja à modalidade escrita, que está nos materiais didáticos, que podem estar adotando uma forma artificial, desconsiderando a LE em sua forma real e dinâmica, que é a língua falada e suas variações decorrentes das influências sociais, econômicas e culturais às quais os falantes estão submetidos.

Alves e Battisti (2014) também consideram importante o(a) professor(a) de LE ter noção das variações da língua com a qual ele(a) trabalha, de modo a não considerá-las inapropriadas, como dizem (Castedo e Monteiro, 2019, p. 3):

¹ Apartamento

(...) ao familiarizar-se com as variedades da LE, o professor além de poder mostrar ao aluno que – e como – a língua pode variar, evitará certas “correções”, indicando apenas os contextos em que aquela variedade é mais adequada que as outras, seja por questões sociais, situacionais, históricas ou regionais.(...)

Nessa perspectiva, ressalta-se a importância de trabalhar a diversidade linguística no contexto da sala de aula, de modo a permitir maior compreensão e aceitação das variedades e mudanças a depender dos contextos aos quais elas se inserem.

3. BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NOS PAÍSES EM ESTUDO

Apresentamos breves comentários acerca da evolução da língua inglesa nas variedades faladas na Inglaterra, nos EUA e na Austrália. Ressaltamos que, embora considerado como um dos mais prestigiosos, o sotaque RP, bastante falado em escolas públicas de Londres e importantes universidades da Inglaterra, não faz da variedade britânica superior às outras (Simeon Potter – Encyclopaedia Britannica, 2020). As variedades norte-americanas e australianas apresentam interessantes passagens em suas evoluções, que tiveram início com a variedade britânica.

3.1 Evolução da Variedade Britânica

A língua inglesa tal como se apresenta (*Modern English*) surgiu na Inglaterra e é a língua dominante em vários países, a exemplo dos EUA, Canadá, Austrália, Irlanda e Irlanda do Norte, Escócia, Nova Zelândia, nações caribenhas, entre vários outros, além de ser língua oficial da Índia, das Filipinas, Singapura e da África do Sul (Britannica Online Encyclopedia, 2020). Entretanto, suas origens remontam cerca de 5 mil anos na família das línguas Indo-europeias.

O inglês descende diretamente da língua Proto-Indo-Europeia, que também deu origem ao alemão, francês, grego e russo. Sua evolução se deu para o inglês antigo (*Old English*), que tinha uma estrutura bastante flexionada. Centenas de anos depois, a estrutura do inglês moderno foi tomando uma forma mais simplificada, isto é, menos flexionada, sendo

hoje a língua europeia que não admite flexão de adjetivos (*red rose / red roses*¹). Com relação à flexão verbal, o inglês moderno possui 5 formas (Ex.: *ride, rides, rode, riding, ridden*²) e 5 variações fonéticas (Ex: /'raid/, /raidz/, /'rəʊd/, /'raɪdɪŋ/ e /'rɪdn/, que é uma grande simplificação, considerando que e no inglês antigo, o verbo *ridan*³ contava com 13 formas (Harvard Referencing: Verbix 2021).

Enquanto a flexão das formas verbais no inglês moderno foi reduzida, a flexibilidade de funções foi ampliada. Substantivos e verbos que tinham formas diferentes passaram a ter a mesma forma nas duas funções (Ex.: *planning a table* ou *tabling a plan*⁴). Outras flexibilizações de composição e formação de palavras, como também de funções sintáticas e vocabulário foram observadas, entretanto poderá ser tratada posteriormente, dadas as limitações para o propósito do presente estudo.

3.2 Evolução da Variedade Americana

*British English is the Mother of her offspring, American English. The English language from the British Isles came to the new continent and even before it arrived at the coast it began to intermingle.*⁵ (HINZ, 1999)

O que Hinz (1999) quer dizer nessa citação é que a língua inglesa, que chegou ao “novo mundo” (como eram chamadas as terras norte-americanas), já tinha influência de várias marcas linguísticas, levadas por escoceses, galeses e irlandeses, que estavam no navio a caminho da nova vida na América. A maioria dessas pessoas era puritano/a⁶, que foram em busca de uma vida melhor e com propósitos religiosos, também. Assim, com base no citado autor, já no início, o inglês falado nos Estados Unidos da América já começava a constituir uma nova variedade.

A história da variedade americana é marcada por 3 períodos: o Período Colonial(1607-1776), no qual ela se iniciou; o Período Nacional (1776-1898), no qual ela se instalou e se consolidou; e o Internacional (American English - Encyclopedia.com – 2020), período em que

¹ Rosa vermelha / rosas vermelhas.

² Ex.: corre (1ª 2ª e 3ª p/sing. e plural, corre (3ª p/sing.), correu (todas as pessoas sing. e plural), correndo, corrido.

³ Correr

⁴ Ex.: Planejando uma tabela ou apresentando um plano.

⁵ “O inglês britânico é a mãe do inglês americano. A língua inglesa da ilha britânica veio para o novo continente e mesmo antes de chegar à costa, começou a se misturar” (Tradução livre).

⁶ Adeptos do **puritanismo**, movimento religioso muito influente na Inglaterra, tendo posteriormente se tornado a principal tradição religiosa dos Estados Unidos da América, enfatizou a pureza e integridade do indivíduo, igreja e sociedade.

a língua americana recebeu influência estrangeira, mas influenciou outras variedades da língua inglesa, como a do Havaí, de Porto Rico e das Filipinas, além de outras línguas.

A diversidade de nacionalidade entre os colonizadores levou a formar algumas características específicas na colônia - os EUA. No início, as principais influências foram dos ameríndios, a exemplo dos Mohawk, que falavam o Iroquês¹, dos Algonquianos², além dos holandeses e franceses (Iroquoian languages - Britannica). No segundo momento apontado, surgiu a necessidade de se firmar uma identidade nacional e novas diretrizes políticas começaram a influenciar a língua. As guerras do período: Guerra da Independência (1776-1892), Guerra Civil (1861-1865) marcaram a influência da variedade americana em outras línguas. No terceiro período relatado, muitos interesses geopolíticos e econômicos do governo americano pesaram para a expansão da língua pelo mundo, a exemplo da indústria cinematográfica de Hollywood, o jazz e a música popular, bem como a II Guerra Mundial e os produtos do pós-guerra, tais como a Coca-Cola, a tecnologia e a imprensa escrita, que tiveram papel importante para a disseminação do “americanismo”.

O inglês americano também possui suas variedades internas, sendo o formato padrão chamado de *General American*. O *GenAm* é idêntico ao RP britânico, quanto à quantidade de fonemas (44), considerando vogais e consoantes (*The History of American English*³).

3.3 Evolução da Variedade Australiana

A Austrália, por sua colonização inglesa, apresenta o inglês mais semelhante ao britânico RP, quanto à pronúncia e o uso de algumas palavras (embora levado não somente por nativos da Inglaterra, mas também da Escócia, do País de Gales e da Irlanda), entretanto também verificam-se variações, especialmente pelo substrato⁴ das mais de 250 línguas aborígenes australianas e por influência do inglês americano, quando nativos desse país imigraram para trabalhar na exploração de minas. Estima-se que aproximadamente 150 línguas aborígenes ainda existam e dessas, somente 13 ainda estariam sendo transmitidas para crianças descendentes desses povos.

¹ Família de línguas indígenas que incluem o Cherokee e o Oneida.

² Das tribos Crees, Moicanos, Delawares.

³ História da Língua Americana (The History of the American Language - GRIN)

⁴ De acordo com CAMARA Jr., CUNHA, C e MARTINET, substrato é a influência ou marca que a língua do povo dominado, eventualmente exerce fora de uso, na língua imposta pelo povo dominante, ou seja, na língua sobrevivente.

Segundo *The World Atlas of Varieties of English (e-WAVE)*¹, as três principais variedades australianas são: O Inglês Australiano, levado pelos condenados pela justiça britânica e imigrantes em geral, provenientes da Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda; O Inglês Vernáculo Australiano, que é uma variedade falada principalmente pela classe trabalhadora e pelos considerados “homens do campo”, caracteriza-se pela frequente ocorrência de certas características fonológicas e gramaticais que são raras ou ausentes em variedades consideradas padrões; O Inglês Aborígine é uma das três principais variedades de inglês atualmente falado pelos australianos aborígenes e, com alguma variação regional, por habitantes das ilhas do Estreito de Torres.

A língua inglesa apresenta muitas variedades ocasionadas pelas interferências linguísticas e extralinguísticas que ela sofre, abordadas na seção seguinte.

4. TIPOS DE VARIEDADES

Dentre os tipos de variáveis linguísticas, destacamos aquelas que envolvem aspectos inerentes à língua em sua estrutura e produção; como também aspectos externos à língua, como situações geográficas, históricas, socioculturais e situacionais.

4.1.1 Variáveis Linguísticas

As variáveis linguísticas, como já dito, são aquelas que se apresentam no nível da língua e seus sistemas, ou seja de sua forma, funcionalidade e produção. A seguir, apresentamos essa classificação em três campos: fonético-fonológico, morfossintático e lexical.

4.1.2 Variável no Campo Fonético-fonológico.

A Fonética descreve os sons produzidos pelos falantes e a Fonologia estuda as funções desses sons na língua, suas relações entre si (ROACH, 2012), e sua função na comunicação. O estudo dessas especialidades linguísticas é importante para a compreensão dos sons da língua, especialmente quando se trata de uma LE, cujos sons são produzidos de maneira que lhe é peculiar.

¹ Atlas Mundial de Variedades do Inglês – versão eletrônica (e-WAVE).

As variedades no campo fonético-fonológico vão mostrar diferentes pronúncias de uma mesma palavra. A seguir, destacam-se alguns sons que exercem papéis importantes nas variedades abordadas neste estudo.

Uma das mais destacadas marcas do inglês americano falado é a forte pronúncia do fonema /r/. Em algumas partes dos Estados Unidos, a exemplo de Nova Iorque, a pronúncia do /r/ é influenciada pelo fator social. Segundo Labov (1960), a realização dessa variável, chamada de rótica, passa a ser sinal de prestígio para os nova-iorquinos após a Segunda Guerra Mundial, divergindo da região da Nova Inglaterra, localizada na costa leste do país.

Diz-se variedade rótica, quando o /r/ é mais fortemente pronunciado em posição final da sílaba, como na palavra *car*, comum na maioria dos estados norte-americanos. Nos casos em que o /r/ tem uma pronúncia mais marcada no início das sílabas, dá-se o nome de variedade não-rótica, como é o caso das palavras: *radio*, *real* e *river*. Essa variedade é mais observada no inglês falado na Inglaterra e na Austrália.

Diferença de pronúncia na variedade não rótica nos países indicados:

Exemplo

Vocábulo	Inglaterra (BrE) ¹	EUA (AmE) ²	Austrália (AuE) ³
<i>Car</i>	/kɑ:/	/kɑ:˞/	/kɑ:/

A variação fonética que marca o inglês britânico é o *Received Pronunciation* (RP), que segundo Roach (2004), *apud* Castedo e Monteiro (2019), era restrita à língua estudada nas escolas públicas britânicas no Século XX, que até hoje é marca distintiva de seus falantes na região de Londres e sul da Inglaterra. No inglês australiano, o sotaque que mais se aproxima do RP é o *Cultivated Accent*, falado por pessoas que tem uma formação mais culta. Além desses, na Austrália, fala-se o *Common Accent*, utilizado por pessoas de várias regiões do país; e o *Broad Accent*, falado pelos nativos típicos não originários, residentes ou não no interior. Como o britânico, o inglês australiano não tem o fonema /r/ fortemente pronunciado nas palavras, especialmente quando ele aparece na sílaba final. Entretanto, o som do /t/ é

¹ British English (Inglês Britânico)

² American English (Inglês Americano)

³ Australian English (Inglês Australiano)

pronunciado como o *flapped* /r^l semelhante ao americano em algumas palavras, a exemplo de *better* /'betə/, que soa como se fosse [béra].

Abaixo, algumas diferenças de pronúncia entre os países:

Vocábulo	Inglaterra (BrE)	EUA (AmE)	Austrália (AuE)
<i>Car</i>	/kɑ:/	/kɑ:r/	/kɑ:/
<i>Water</i>	/'wɔ:tə/	/'wɑ:.tə/	/'wɔ:tə/
<i>Bottle</i>	/'bɒtl/	/'bɑ:.təl/	/'bɒtəl/

Um exemplo bastante emblemático é a forma como os australianos pronunciam o vocábulo Austrália, que fica encurtado para *straya*, com pronúncia de /streɪ.jə/.

Vocábulo	BrE	AmE	AuE
<i>Australia</i>	/ɒs'treɪ.li.ə/	/ɑ:'streɪl.jə/	/streɪ.jə/

Ainda quanto à pronúncia, há outras várias diferenças para a produção do fonema /a/ e em alguns ditongos, como /aɪ/ e /oɪ/, que os falantes da variedade australiana costumam produzir com som mais aberto, fugindo dos mais tradicionais /eɪ/ e /əʊɪ/.

Exemplos de pronúncia:

Vocábulo	BrE	AmE	AuE
<i>Can't</i>	/kɑnt/	/Kænt/	/kɑnt/
<i>Hot</i>	/hɒt/	/hɑ:t/	/hɒt/
<i>Going</i>	/'gəʊɪŋ/	/'gəʊɪŋ/	/'gəʊɪn/
<i>Day</i>	/'deɪ/	/'deɪ/	/'deɪ/ ou /'daɪ/
<i>Mate</i>	/meɪt/	/meɪt/	/maɪt/

4.1.3 Variável do Campo Morfossintático

No Manual de Variedades do Inglês, Kortmann & Schneider (2004) descrevem variações dessa língua falada em muitos países e regiões por todo o mundo. Esses autores descrevem diferenças apresentadas por pessoas que não falam a língua padrão (*“reference*

¹ *Flap*, em fonética, é um som de consoante produzido quando a língua toca rápida e sutilmente a parte superior da boca, parecendo o do fonema /r/.

system and target norm in formal situations, [...] and as a model in the teaching of English worldwide”)¹. Segundo Adger e Trousdale, (2007), a maioria das variedades descritas no campo morfossintático está relacionada a categorias funcionais, como tempo, modalidade e negação verbais, embora algumas variedades tenham somente natureza sintática, como o exemplo de ordem de palavras em perguntas que são incorporadas na frase, chamadas por esses autores de *embedded questions*, como no exemplo: *Kay asked what film are we watching*². Vemos uma pergunta direta incorporada a uma indireta, mostrando que há situações da língua em uso, que não se restringem à norma ou representação linguística.

O estudo das variedades do campo morfossintático procura mostrar a diferença relacionada ao uso de morfemas. Em alguns casos que podemos exemplificar estão a alternância de uso de verbos no passado entre as formas regular (-ed) e irregular (várias formas). De acordo com Koch (1994), *apud* Castedo e Monteiro (2019), usa-se o verbo no passado na forma regular ou irregular, conforme o sentido que se quer dar.

Exemplos de Koch (1994), *apud* Castedo e Monteiro (2019):

- a) *The tailor fitted the suit to my frame.*³ (Verbo na forma regular usado para demonstrar a ação do sujeito)
- b) *When I was young, this suit fit me.*⁴ (Verbo na forma irregular usado para se referir a um estado)

Especificamente no inglês australiano, observa-se que são mais usadas as formas irregulares dos verbos que possuem as duas formas no passado. Afora verbos, o inglês australiano faz uso de uma forma bem peculiar de contração de palavras, acrescentando o *y* ou *ie*, com o som de *i* longo - /i:/.

Exemplos:

Português (BR)	<i>BrE</i>	<i>AmE</i>	<i>AuE</i>
Cueca	<i>underwear</i>	<i>underwear</i>	<i>knickers</i>
Calças	<i>trousers</i>	<i>pants</i>	<i>daks</i>
Carrinho de bebê	<i>baby carriage</i>	<i>trollers</i>	<i>pram</i>
Fraldas	<i>diapers</i>	<i>diapers</i>	<i>nappy</i>
Lixo	<i>rubbish bin</i>	<i>garbage</i>	<i>Trash can</i>
Celular	<i>cell phone</i>	<i>cell phone</i>	<i>mobile</i>

¹ ‘Sistema de referência e normas em situações formais, [...] que servem como modelo de ensino do inglês pelo mundo’ (Tradução livre);

² Kay perguntou que filme nós estávamos assistindo;

³ O alfaiate ajustou o meu terno ao meu corpo;

⁴ Quando eu era jovem, este terno me servia.

4.1.4 Variável do Campo Lexical

Os vários vocábulos e expressões com o mesmo significado, utilizados em lugares diferentes e entre grupos sociais diversos constituem as variedades do campo lexical (ROBINSON, 2019).

O que determina a variedade é justamente o seu ambiente de fala, ou seja, cada variável é característica de um meio ou grupo social. Robinson (2019) mostra exemplos da variedade encontrada para identificar um tipo de pão, *breadroll* (pãozinho), em diferentes localidades da Inglaterra.

Exemplos:

	Lancashire	Pennines, em Leeds	Derby	Coventry
<i>Breadroll</i> Pão(zinho)	<i>barmcake</i>	<i>breadcake</i>	<i>cob</i>	<i>batch</i>

É comum encontrar uma gama de variedade léxica entre o inglês americano e o britânico. Além dessas variedades, há, também, variedades entre esses e o inglês australiano. O vocabulário de cada dialeto vai se formando com a influência que a língua recebe em cada região, ocasionando, assim, a grande variedade léxica das línguas.

Algumas variáveis do inglês falado na Austrália são bastante diferentes nas variedades britânica e americana, mais divulgadas no Brasil. Por essa razão, algumas variantes soam estranhas, no campo fonético-fonológico, bem como no lexical. Observamos que alguns australianos tendem a flexibilizar a língua no que diz respeito à escrita e à pronúncia, ao encurtar algumas palavras, por exemplo: *barbie*, em vez de *barbecue*¹.

Na variedade americana, muitos vocábulos apresentam escrita diferente do inglês britânico, que é a língua do colonizador, portanto a língua dominante. Embora não seja um caso de variação linguística, visto que não houve alteração fonético-fonológica, registramos que no início dos anos de 1700, o americano Noah Webster², então professor, criou um livro didático, no qual as palavras eram grafadas com a forma mais próxima possível de como eram pronunciadas, a exemplo de *color*³ e *labor*⁴. Note-se que a letra U foi suprimida das

¹ Churrasco

² Noah Webster House e West Hartford Historical Society

³ Cor

⁴ Trabalho

formas *colour* e *labour*, e de *centre*, que ele passou a adotar a grafia *center*, diferenciando de como eram usadas pelos falantes de outras variedades.

Para ilustrar, o quadro a seguir traz alguns exemplos de variantes linguísticas no campo lexical entre as variedades analisadas.

Vocábulo/Expressão			
Português BR	Inglaterra	EUA	Austrália
Estacionamento	<i>carpark</i>	<i>parking lot</i>	<i>carpark</i>
Calçada	<i>pavement</i>	<i>sidewalk</i>	<i>footpath</i>
Posto de combustível	<i>petrolstation</i>	<i>gasstation</i>	<i>servicestation</i> <i>ou servo</i>
Biscoito	<i>biscuit</i>	<i>cookie</i>	<i>bickie</i>
Amigo	<i>friend</i>	<i>friend</i>	<i>mate</i>
garoto	<i>boys</i>	<i>boys</i>	<i>blokes</i>
Garota	<i>girls</i>	<i>girls</i>	<i>sheilas</i>
Café-da-manhã	<i>breakfast</i>	<i>breakfast</i>	<i>brekkie</i>
Churrasco	<i>barbecue</i>	<i>barbecue</i>	<i>barbie</i>
Até logo!	<i>goodbye</i>	<i>goodbye</i>	<i>hooroo</i>
Cobertor, edredon	<i>Duvet/blanket</i>	<i>comforter</i>	<i>Doona (slang)</i>
Botas	<i>wellies</i>	<i>rain boots</i>	<i>gumboots</i>
Chinelo	<i>flipflops</i>	<i>flipflops</i>	<i>Thongs</i>
Rascunho, Projeto	<i>draught</i>	<i>draft</i>	<i>draft</i>

Para encerrar o tópico sobre os tipos de variedades linguísticas, podemos destacar que tratam de provar quão heterogêneas e dinâmicas são as línguas. A fim de diferenciar as variedades linguísticas daquelas que se encontram fora dos campos lexical, morfossintático e fonético-fonológico, dedicamos o próximo tópico às variedades extralinguísticas.

4.2 Variáveis Extralinguísticas

Além das influências linguísticas às quais as línguas estão sujeitas, elas sofrem contínuas mudanças no decorrer do tempo que mantém uma íntima relação com variáveis como idade, sexo/gênero, escolaridade, nível socioeconômico, entre outras. Essas mudanças na língua foram estudadas pelos teóricos Weinreich, Labov e Herzog¹, em 1968, quando descreveram o fenômeno da mudança linguística.

¹WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin publicaram, em 1968 os “Fundamentos Empíricos da Teoria da Mudança Linguística” (*Empirical Foundations for Theory of Language Change*).

Labov observou que, inicialmente, a mudança linguística se dá em um subgrupo de uma comunidade, sobretudo se esse sofre algum tipo de pressão social (FERNANDEZ, 2009). Para ele, se o processo se iniciar em um subgrupo de maior *status* social na comunidade, a mudança poderá ser sinal de prestígio, favorecendo sua perpetuação de uma geração a outra. Entretanto, se o processo se der no sentido contrário, ou seja, a mudança tiver início em subgrupo de nível social baixo, o grupo socialmente superior tenderá a rejeitá-la, transformando essa variável em um traço estigmatizado da língua que tende a não se expandir. A sociolinguística classifica ainda outros tipos de variáveis extralinguísticas.

4.2.1 Variável Diacrônica ou Histórica

A variação diacrônica ou histórica caracteriza-se pela mudança que ocorre na língua ao longo do tempo. A língua inglesa passou por grandes mudanças entre os séculos X e XIV, período denominado na língua de Inglês Médio, e a partir do século XV, com o Inglês Moderno. Segundo Castedo e Monteiro (2019), nesses períodos, ocorreram transformações fonéticas consideráveis, como pode-se ver a seguir:

Exemplos:

Português (BR)	Inglês Médio	Inglês Moderno
Ovelha	<i>shape</i>	<i>sheep</i>
Casa	<i>hoose</i>	<i>house</i>
Bota	<i>boat</i>	<i>boot</i>

4.2.2 Variável Diatópica ou Geográfica

Esse tipo de variável ocorre quando os traços da mudança remetem aos falantes de um determinado local. Como exemplos dessa variável, há no campo fonético-fonológico da variedade britânica os seguintes exemplos:

Exemplos:

Vocábulo Grafema: [a]	BrE (Norte do Reino Unido, é pronunciado com som /æ/, como ocorre em <i>fat</i> ¹ .)	BrE (outras regiões)

¹ Gordo(a)

<i>father</i> ¹	/æ/	/ɑ:/
<i>laugh</i> ²		
<i>fast</i> ³		

Vale ressaltar que essa pronúncia, com o /æ/ é a mesma utilizada no inglês americano para essas e muitas outras palavras, como *last*⁴, *past*⁵.

4.2.3 Variável Diastrática ou Sociocultural

A variável diastrática ou sociocultural é identificada através da mudança observada em razão do contexto de fala. De acordo com Mussalim e Bentes (2012), ela marca a identidade dos falantes e está relacionada à organização sociocultural da comunidade de fala. Essa variável permite a identificação dos grupos de falantes e ocorre em razão da convivência, que formam os grupos sociais. Os fatores relacionados a essa variável são de natureza social, tais como: classe social e consequente nível sociocultural.

Como exemplo, há a principal variação do inglês australiano, que consiste na diferença entre os vários sotaque dentre os quais destacam-se o *Cultivated*, o *General* e o *Broad Accent*, já descritos no item que trata das diferenças no campo fonético-fonológico. O *Broad* é falado pelas camadas mais populares, geralmente residentes nas áreas rurais enquanto o *Cultivated* é utilizado por falantes mais cultos e é o que mais se aproxima do *RP* britânico. O *General Accent* é o mais comum, ou seja, falado pela maioria da população nas áreas urbanas, considerada de classe média.

Exemplos de pronúncia dos ditongos, usando o IPA⁶:

Vacábulo	Cultivated	General	Broad
<i>Face</i> /eɪ/	[eɪ]	[ɐɪ]	[ɛ:ɪ, ɑ:ɪ]
<i>Price</i> /aɪ/	[aʊ]	[æo]	[ɛ:o, ẽ:ɾ]
<i>Mouth</i> /aʊ/	[aʊ]	[æo]	[ɛ:o, ẽ:ɾ]

¹ Pai

² Sorrir

³ Rápido(a)

⁴ Último(a)

⁵ Passado

⁶ *International Phonetics Alphabet* (Alfabeto Fonético Internacional)

4.2.4 Variável Diafásica ou Estilística

É a variável relacionada com o contexto de fala em que se encontra o indivíduo, considerando o nível de compreensão de seu interlocutor, como também o caráter formal ou informal da língua, isto é, em conformidade ou não com a norma padrão. Essa variável também está relacionada ao contexto da ocorrência. Nesse sentido, o estilo é adotado de acordo com o auditório social (BAKHTIN, 2009), ou seja a mensagem expressa pelo locutor deve estar à altura da compreensão de seu(s) interlocutor(es) e ela é definida com base em laços mais ou menos estreitos que os une dentro do grupo social. Se esses sujeitos compartilham situações cotidianas, a linguagem será mais informal, do contrário, em ocasiões solenes, por exemplo, a linguagem se apresenta dentro dos limites recomendados pela norma padrão.

Exemplos:

Informal	Passando para dizer que no dia 25 não vai ter aula por causa de uma reunião com os pais de todo mundo.	<i>Here to tell everybody that is not going to have classes next 25, because of a meeting with all parents.</i>
Formal	Gostaríamos de informar a todos os alunos que haverá reunião dos professores com os pais no próximo dia 25 e, por essa razão, não haverá aula nesse dia.	<i>We would like to informe all the students that there will be a meeting with teachers and parents, next 25th, and for this reason, classes will be cancelled at that day.</i>

Isso mostra que um falante pode utilizar variáveis diferentes, dependendo do contexto em que ele se encontra e do auditório que se apresenta no momento da fala.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em Vieira (2010), pode-se dizer que, quanto aos objetivos, a pesquisa sobre as principais variantes do inglês falado na Inglaterra, EUA e na Austrália foi aplicada. Também caracterizou-se como descritiva, uma vez que se deteve a demonstrar os fenômenos verificados nas fontes pesquisadas. De acordo com Gil (2008), as fontes da pesquisa foram essencialmente bibliográficas, pois foram constituídas de livros, artigos científicos e tese sobre Linguística, Sociolinguística e, especialmente sobre a Teoria Variacionista, principal suporte teórico utilizado.

Ao pesquisar sobre línguas, foi possível verificar sua dinamicidade e heterogeneidade, por apresentarem mudanças que ocorrem ao logo do tempo e que envolvem variáveis como o ambiente social, a idade, o sexo/gênero, a escolaridade, o status econômico e a formação profissional de seus falantes, que influenciam fortemente na variante utilizada e determinam as transformações ocorridas na língua ao longo do tempo cronológico.

Com essa pesquisa, pudemos iniciar um caminho de aprofundamento dos estudos sobre a língua inglesa, com as três variedades que constituíram o *corpus* do trabalho, mesmo que restrito a alguns aspectos linguísticos e extralinguísticos, tendo como suporte teórico a sociolinguística variacionista de Labov. Ela mostra a importância de estarmos atentos às variações da língua e que elas ocorrem por condicionantes intrínsecos à materialização da língua – ato de fala e outros que lhe são externos. Labov, ao fazer sua defesa da língua como dinâmica e heterogênea, apontou principalmente que o falante está sujeito às interferências do contexto sociocultural ao qual ele pertence.

Como resultado dessa pesquisa, aprendemos que o reconhecimento da diversidade linguística é benéfica e os estudos das variedades permitem ampliar o conhecimento de outros modelos socioculturais, como também promovem maior interação entre os povos. É importante refletir sobre a necessidade de os professores de línguas trabalharem com diferentes variedades linguísticas, a fim de incentivar os alunos a manterem contato com o maior número delas. No caso da língua inglesa, devem ressaltar que as variedades não se restringem à britânica e à americana ou australiana e que o respeito à diversidade amplia os horizontes e contribui para a convivência harmônica entre diferentes povos, através da linguagem.

Um estudo nunca está acabado, porque outras hipóteses vão surgindo, como também, outros interesses ligados ao tema são despertados, como, por exemplo, de estudar outras

variedades da língua inglesa presentes mundo afora, como jamaicana, maltesa, indiana, entre outras. Logo, este trabalho poderá servir de incentivo aos que, porventura, tenham interesse em aprofundar uma das variedades aqui apresentadas ou ampliar para outras.

REFERÊNCIAS

- ADGER, David & TRUDGEL, Graeme. Variation in English syntax: theoretical implications. UK 2007. Downloaded from <https://www.cambridge.org/core>. Acesso em: 19 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1017/S1360674307002250>
- ALVES, U. K.; BATTISTI, Elisa. Variação e Diversidade Linguística no Ensino-Aprendizagem de Língua Estrangeira na Graduação em Letras. 2014 In: Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Varia. vol. 24, n. 48, jan-jun 2014. p. 291-311. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/137/62>. > Acesso em 26/05/2020.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. Dicionário de lingüística e gramática. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 42, 227-228 e 230
- CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso F. da. Estilística e gramática histórica; português através de textos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1918. p. 133-148 e 238-250.
- CASTEDO, Tatiana e MONTEIRO, Renata. Algumas variantes linguísticas das línguas espanhola e inglesa. João Pessoa-PB: 2019, 20p;
- _____, Tatiana e MONTEIRO, Renata. Teoria da Variação. João Pessoa-PB: 2019, 20p;
- FERNANDEZ, Francisco M. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4ª Ed. Corregida y actualizada. Barcelona: Ariel, 2009.
- Harvard Referencing: Verbix 2021, *Old English verb 'ridan' conjugated*, Verbix, viewed 19 Jan 2021, <<http://www.verbix.com/webverbix/go.php?D1=23&T1=ridan>>
- HINZ, Anja. *The History of the American Language*, Munich: GRIN Verlag, 1999. Disponível em: <https://www.grin.com/document/94682>. Acesso em: 20 de nov. 2020.
- <https://www.britannica.com/topic/English-language/Varieties-of-English>. Acesso em 25/05/2020.
- <https://www.encyclopedia.com/humanities/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/american-english-1>
- [https://www.eWAVE - Varieties \(ewave-atlas.org\)](https://www.eWAVE - Varieties (ewave-atlas.org))
- <https://www.grin.com/en. The History of the American Language - GRIN/document/94682>
- <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199772810/obo-97801997728100005.xml>. Acesso em 13/09/2020.
- <https://noahwebsterhouse.org/noahwebsterhistory/>. Acesso em 10 out. 2020
- KORTMANN, B. & SCHNEIDER E. (eds.) in collaboration with K. Burridge, R. Mesthrie & C. Upton(2004). *A handbook of varieties of English*. 2 vols. Berlin: Mouton de Gruyter.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge: University Press, 2006[1966], 2ª edição ampliada

MARTINET, A. Conceitos fundamentais da linguística. Lisboa/Brasil: Presença/Martins Fontes, 1976.

MUSSALIM, F.; BENTES, A.C.. Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. v.1. São Paulo: Cortez, 2012

ROACH, Peter. *English Phonetics and Phonology: a practical course*. Cambridge University Press, 4th Ed. 2012.

ROBINSON, Jonnie. *Lexical variation across the UK*. In: *British Library*, 2019. Disponível em: <https://www.bl.uk/british-accent-and-dialects/articles/lexical-variation-across-the-uk#authorBlock1>. Acesso em: 19 de nov. 2019.